

O Castro da Curalha

6.^a Campanha de escavações — 1980

POR

Adérito Medeiros Freitas *

Professor efectivo de C. N. do Liceu de Guimarães
e sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia

e

J. R. dos Santos Júnior **

Professor catedrático jubilado da F. C. da Universidade do Porto
Presidente da Soc. Portuguesa de Antropologia e Bolseiro do I. N. I. C.

1 — *Considerações gerais*

Os trabalhos no Castro da Curalha no ano de 1980 fizeram-se em duas tarefas. Uma em Setembro por A. M. F. e outra por J. R. S. J. no mês de Outubro.

A densa vegetação herbácea, arbustiva e arbórea com touças de carvalho, cujas raízes se enterram por entre e por baixo de muitas pedras soltas espalhadas por toda a área intramuralha, dificultam os serviços de prospecção e ligeiras escavações em busca de possíveis restos de paredes de casas. Já foram descobertas 18 casas e tudo leva a crer que mais se descobrirão.

* Rua Saraiva Brandão, 260-8.º-D.º — 4800 Guimarães.

** Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

Há que continuar com o corte e recorte de todo o mato, e, sempre que possível, ao seu arranque.

Como já se referiu nos relatórios anteriores, os trabalhos nas 6 campanhas até agora feitas, consistiram essencialmente no arrumo das muitas toneladas de pedras de granito espalhadas um pouco por toda a área do recinto muralhado. Sobre tudo ao correr da muralha amontoam-se em tão grande quantidade que chegam a atingir quase dois metros de altura.

Há que remover estes grandes amontoados de pedras. Ali aparecem bastantes pedras com uma face aplanada a pico, que eram pedras do facear quer o lado interno quer o externo da muralha. Estas serão oportunamente repostas na muralha, e as mais pedras atiradas para a muralha a fazer o seu enchimento a toda a largura, que em média varia entre quatro m a quatro m e meio, e em alguns sítios 4,80 m.

Tarefa em Setembro de 1980 por A. M. F.

Duração da Campanha. Participantes

Tal como consta no início deste relatório, a 6.^a Campanha de Escavações no Castro da Curalha realizou-se no mês de Setembro, entre os dias 8 e 26. Os trabalhos processaram-se sob a orientação superior do Senhor Prof. Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.

Infelizmente não nos foi possível, mais uma vez, o apoio dos estudantes naturais da região e que frequentam os estabelecimentos de ensino de Chaves:

- uns, em virtude de ainda se encontrarem em férias fora das localidades onde normalmente residem;
- outros por estarem ocupados com os seus exames da segunda época;
- alguns, possivelmente, por falta de conhecimento;
- a falta de motivação para trabalhos desta natureza, é uma hipótese a ter em conta para a maioria.

Algumas dificuldades

O mês de Setembro é, na realidade, uma época de muito trabalho: trabalhos agrícolas, construção civil, etc. Além da dificuldade em arranjar trabalhadores surge, quando se conseguem, a dificuldade de pagar-lhes uma «jeira» que, normalmente, é incomportável, considerando a soma de trabalhos que foram planeados, a verba disponível, e o tempo de duração da campanha. Deste modo, e tal como já havia acontecido no ano anterior, as quatro pessoas a seguir indicadas, que trabalharam durante toda a campanha no Castro de Curalha, vinham diariamente de Carrazedo de Montenegro que dista de Curalha quase 30 quilómetros, estando o seu transporte a nosso cargo. Foram eles:

- Luís Albino dos Santos Lemos, que já colaborou na Campanha de 1979;
- António Jorge Medeiros Ribeiro;
- José Orlando Esteves Martins;
- José Manuel Machado Oliveira.

Tal como o fizemos para o grupo da 5.^a Campanha de Escavações não podemos deixar de manifestar a nossa satisfação por todo o trabalho realizado, pela aceitação de todas as recomendações que trabalhos desta natureza exigem, pelo cuidado, entusiasmo e pontualidade no decorrer de toda a campanha.

2 — Planeamento

De acordo com certas características apontadas em todas as campanhas desde 1974, no planeamento de Escavações no Castro da Curalha tem que constar, sempre, o *corte de mato* que anualmente e principalmente nas zonas que ainda não foram submetidas a trabalhos de qualquer espécie, cresce de um modo impressionante. E não se trata só de árvores e numerosos arbustos; as próprias plantas herbáceas, principalmente

gramíneas, chegam a atingir 1 m de altura tapando, quase por completo, as paredes das casas que continuamente vão sendo reconstruídos até 70 ou 80 cm de altura.

Dada a quantidade de vegetação existente na área de trabalhos (dentro e fora do castro) temos tido um certo receio de proceder à sua destruição pelo fogo pois podia, descontroladamente, propagar-se a áreas mais vastas, com resultados necessariamente desagradáveis. O contínuo desbaste da vegetação arbórea e arbustiva deve tornar possível muito brevemente, embora com certos cuidados, a sua destruição por tal processo sem perigo para as áreas vizinhas.

Quanto aos trabalhos propriamente ditos eles foram planejados, para a campanha de 1980 da seguinte forma:

- a) Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha, que era necessário reconstruir, nalguns pontos, desde a base;
- b) Zona do reduto central compreendida entre a referida muralha e as casas postas a descoberto na campanha anterior (casas 9 a 14);
- c) Casa fora do reduto central detectada no ano anterior a meia distância entre a muralha central e o campo de futebol;
- d) Limpeza, esquematização, medições e descrição de uma «Pia cavada no granito» (lagareta?) situada a ESE do castro e junto do rio Tâmega.

3 — *Trabalhos realizados e espólio recolhido*

3.1. — *Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha*

Era esta, sem dúvida, a zona do Castro que, desde sempre, mais preocupação nos deu. O abundante matagal dentro e fora da muralha, a sua destruição quase total em cerca de vinte metros, a acumulação do lado interno e numa grande área de pedras, algumas de razoáveis dimensões, até mais de um metro de altura, eram motivos de desânimo e um convite à altera-

ção do nosso plano. Resolvemos prosseguir e, no final da campanha, todos nos encontrávamos satisfeitos com os resultados obtidos (Fig. 1, Est. I, Fig. 11, 12 e 14).

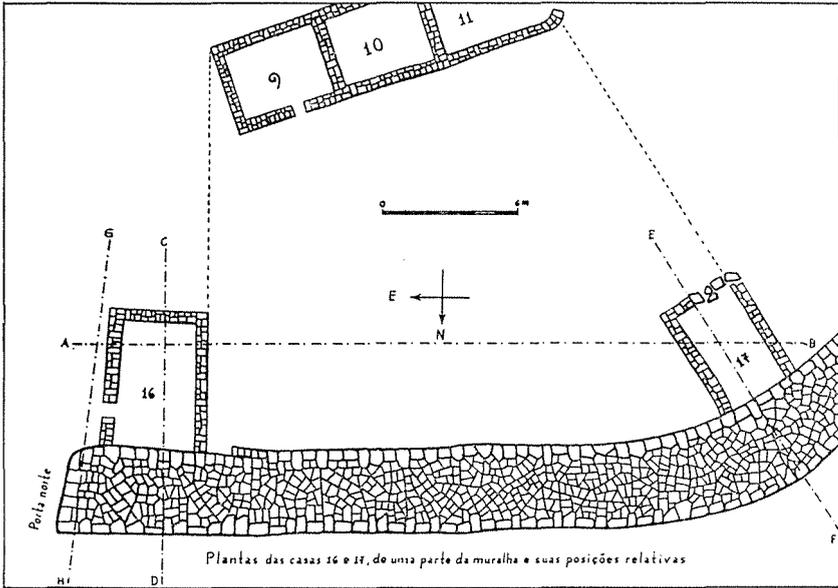


Fig. 1: Porção da muralha do lado N e posição relativa das casas 9, 10, 11, 16 e 17.

Espólio recolhido

No decorrer dos trabalhos de reposição, na muralha, das pedras caídas, surgiram principalmente fragmentos de telha de calceira e tégula. Apareceram também vários fragmentos de cerâmica fina alguns dos quais, pela sua cor e espessura, parecem pertencer a alguns vasos de que fizeram parte. Alguns destes fragmentos foram encontrados nas casas referenciadas com os números 16 e 17 das Figs. 1 e 5.

Também, sobre a muralha, foram encontrados alguns fragmentos de vidro esverdeado, de cor e espessura igual à daqueles que foram encontrados na casa 16 (Est. XI, Fig. 31).

Segundo reduto muralhado

Para a reconstrução da face externa da muralha cimeira, tivemos necessidade de cortar, nalgumas zonas, o espesso matagal de pinheiros, carvalhos, giestas e silvas que, em con-

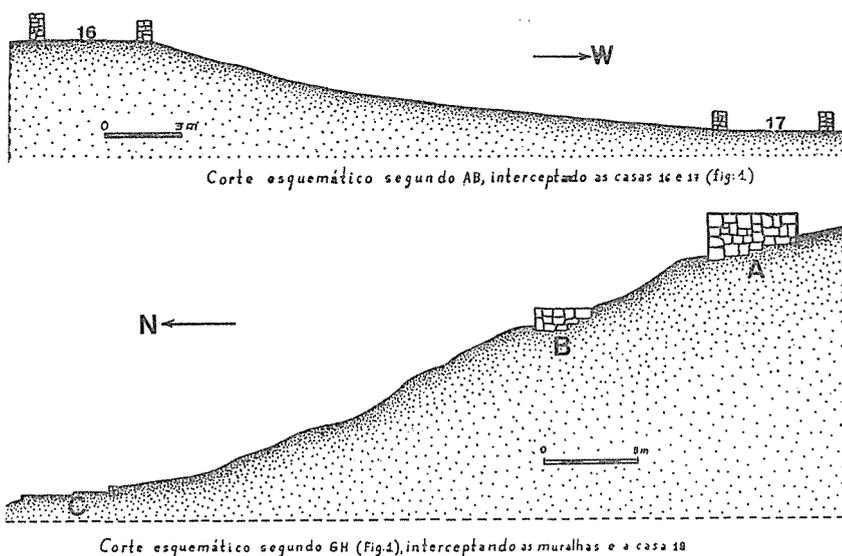


Fig. 2: A — muralha central; B — segunda muralha; C — casa 18.

junto, atingiam mais de 4 m de altura. Como resultado deste trabalho encontrámos, em frente à zona da muralha onde vem entestar a casa 17, uma segunda linha de muralha que, aí, se encontra ainda em razoável estado de conservação (Fig. 3-D).

Dista 6,5 m da face externa da muralha central, tem uma largura de 2,25 m e a altura exterior que não medimos devido à quantidade do mato aí existente, deve ultrapassar o 1,5 m.

Esta muralha, pelo menos na parte ainda conservada, é constituída predominantemente por blocos graníticos de grandes dimensões.

Rampas de acesso

Já foram referidas, em trabalhos anteriores, a existência de «*rampas de acesso*» a esta muralha central. Mais uma destas rampas surgiu a 2,50 m a W da casa 16, com uma largura de cerca de 40 cm. Para formar esta rampa, a face interna da muralha afasta-se da sua direcção normal, orientando-se ou pouco para o interior. O mesmo acontece com todas as 6 rampas de acesso aqui detectadas até este momento (Fig. 5).

3.2. — *Zona do reduto central compreendida entre a muralha norte e as casas postas a descoberto na campanha de 1979*

a) *Casa 16* (Figs. 1, 2, 3, Est. II, Fig. 13, Est. III, Figs. 15-16):

Já descoberta em 1978 pelo Prof. Dr. Santos Júnior aquando dos trabalhos realizados junto da porta norte, só nesta campanha as suas paredes ficaram perfeitamente definidas.

Possui uma forma rectangular e está entestada na muralha junto e a Oeste da porta norte.

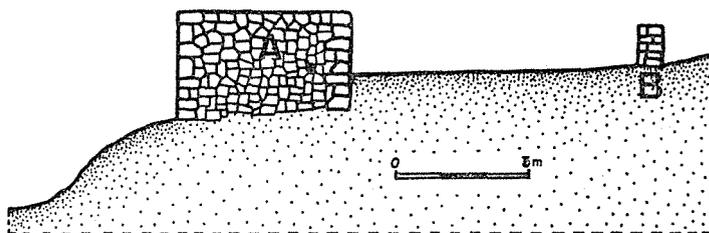
Tem um comprimento máximo de 6,75 m e mínimo de 6,35 m; a sua largura é de 3,60 m e a sua superfície interna é de, aproximadamente, 22 m².

As paredes limitantes possuem uma espessura média de, aproximadamente, 55 cm e foram levantados até uma altura de 80 cm a 1 m. Existe um pequeno desnível (descaindo) de E para W e mais acentuado de S para N (Figs. 2 e 3).

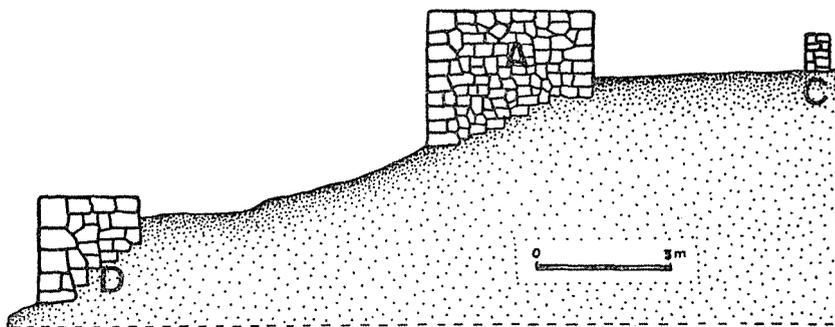
Um conjunto de pedras colocadas transversalmente embora de uma forma um tanto desordenada, leva-nos a admitir a hipótese de elas terem pertencido à parede de uma casa rectangular mais antiga que teria, a ser verdadeira esta hipótese, cerca de 4,60 m de comprimento (Est. III, Fig. 16).

A porta (Est. III, Fig. 15), não foi difícil de detectar. Encontra-se voltada para E, logo a seguir à muralha e tem uma largura

de 60 cm. Em frente a esta casa, a muralha mede 3,70 m de largura, com uma altura interna de 1,5 m e externa de 2,40 m (após os trabalhos deste ano).



Corte esquemático segundo CD (fig.1), interceptando a casa 16 e muralha



Corte esquemático segundo EF (fig.1), interceptando a casa 17 e muralha

Fig. 3: A — muralha central do castro; B — muro da casa 16; C — muro da casa 17; D — segunda muralha.

Espólio

A necessidade de reparação da face interna da muralha limitante, a norte, da casa 16, que ameaçava ruína, levou-nos à necessidade de remover toda a pedra caída e a escavar uma pequena área desta casa junto da referida muralha. Como resultado dos trabalhos de definição dos limites desta casa e

da reparação do troço de muralha que lhe corresponde, foram recolhidas numerosas peças, que passamos a descrever:

- Alguns pedaços de escórias. Destes, um (Est. XI, Fig. 32) tem forma globular.
- Alguns fragmentos de vidro fino, esverdeado, iguais aos que foram encontrados sobre a muralha junto da casa 17 (Est. XI, Fig. 31). No seu conjunto são 18 o número de fragmentos encontrados. Alguns ajustam-se perfeitamente sendo possível uma reconstituição parcial. Dois, com 5,5 e 4,5 cm de comprimento, correspondem a bordos, tendo uma espessura máxima de 2 mm. O gargalo, cujo diâmetro não é difícil de calcular, possui duas saliências pouco pronunciadas (a superior mais pronunciada do que a inferior) paralelas, distantes uma da outra a 2 mm. Estas duas saliências distam do bordo, respectivamente, 21 e 19 mm.
O fragmento maior no sentido da altura do vaso, apresenta «costelas» mais ou menos paralelas, verticais, convergindo levemente para cima e para baixo (na direcção da boca e do fundo) e corresponde à parte bojuda do vaso. Estas mesmas «costelas» se notam em vários dos outros fragmentos mais pequenos.
Um dos fragmentos possui um nódulo em forma de meia lua, de cor azul muito escuro, quase negro; parece pertencer ao mesmo vaso, dada a cor e características da parte restante do fragmento; possui as medidas máximas de $1,8 \times 1,6$ cm.
- Numerosos pedaços de carvão.
- Um pedaço de uma «mó», de granito de grão fino, equigranular, com duas micas. Tem uma espessura externa de 10 cm e interna de 3 cm correspondente ao bordo do olho da mó. A largura é de 18 cm e pesa 10,400 kg (Fig. 6 C, Est. V, Fig. 20). É a pedra andadeira.
- Uma pedra de mó, de grão fino a médio, equigranular, de duas micas, é a mó dormente.

A alteração da biotite confere-lhe uma tonalidade castanho-avermelhada. A sua espessura máxima, no centro, é de, aproximadamente, 12 cm tendo cerca de 30 cm de comprimento e 27 cm de largura.

Uma das faces é mais ou menos plana, notando-se ter sido grosseiramente picada a fim de lhe dar uma base de apoio mais estável é a mó dormente. A outra face, a face de apoio ao movimento da outra pedra da mó, levemente convexa e possui uma pequena cavidade de contorno grosseiramente quadrangular com 4,5 cm de profundidade tendo, à superfície, 2,5 cm de lado (Fig. 6-A, Est. V, Fig. 20).

- Numerosos fragmentos de tégula de espessura e cor variável. Destes, alguns são muito finos e esbranquiçados, com ornamentação grosseiramente «cordada» e devem pertencer ao mesmo vaso. Um deles, fino, de cor cinzento-escura, possui uma ornamentação constituída por uma série de pontos dispostos em zigue-zague. Seis são fragmentos de fundos; dos restantes, alguns são fragmentos de bordos.
- 3 moedas (romanas?), com cerca de 1,5 cm de diâmetro e mais dois fragmentos que parece pertencerem a mais duas, cuja identificação me parece muito difícil por estarem muito oxidadas (Est. XI, Fig. 32).
- Um pequeno pedaço de cobre (?) (Est. XI, Fig. 32), de secção quadrangular, com 3 mm de lado e 1 cm de comprimento, muito oxidado.
- Um pedaço de cobre (?) com 3,6 cm de comprimento, de pequena espessura e com 1 cm de largura máxima (Est. XI, Fig. 32). Parece-me que pode ter pertencido a uma bracelete, notando-se a presença de orifícios circulares, distanciados de 1,7 cm e com um diâmetro que podemos calcular em 3 mm.
- Um fragmento de «quartzo cristal de rocha», de contorno grosseiramente triangular, com 2 cm de comprimento e 1,4 cm de largura máxima (Est. XI, Fig. 32).

Casa 17 (Figs. 1, 2 e Est. IV, Fig. 17)

Tal como a casa 16 também esta se encontra entestada na muralha. É do tipo rectangular, tem um comprimento de 5,25 m e uma largura máxima de 2,97 m e mínima de 2,58 m. Dois dos muros nascem perpendicularmente à muralha; no entanto, dada a curvatura desta, enquanto que o muro mais a W se mantém perpendicular e é rectilíneo, o muro E, voltado para a casa 16 (Fig. 1), forma uma ligeira curvatura a fim de se apresentar, à nascença perpendicular à muralha e, depois, paralelo ao seu congénere.

Esta casa dista, da casa 16, cerca de 22 m na horizontal verificando-se, entre elas, um desnível do terreno, descaindo de E para W, de 3,45 m aproximadamente (Fig. 2).

A largura dos muros desta casa é, tal como na anterior, de cerca de 55 cm.

A porta, embora a sua posição não tenha sido localizada com exactidão, parece situar-se na parede que ocupa uma posição oposta e mais ou menos paralela à muralha.

As paredes desta casa foram levantadas até 75 cm de altura.

Espólio

- Numerosos fragmentos de tégula e telha de calceira.
- Alguns fragmentos de cerâmica, encontrados entre as pedras soltas que iam sendo removidas e colocadas, ora nos muros desta casa, ora na muralha. Tal como nos casos anteriores, também estes fragmentos mostram cor, espessura e aspectos variados, que nos permitem afirmar pertencerem a vários vasos.

Área compreendida entre a casa 16 e as casas 9 e 10

Entre a casa 16 e o ângulo mais distante da casa 9 (campanha de 1979) vai uma distância de 12,15 m (Fig. 1).

Esperávamos, dada a grande quantidade de pedras aí amontoadas, encontrar outras casas neste espaço; tal porém

não aconteceu, pois nenhum vestígio certo da presença de construções foi detectado. No entanto, um conjunto de pedras existentes em frente da casa 9 e mesmo por baixo de uma das suas paredes, podem ter pertencido a uma casa mais antiga, do tipo circular (Est. II, Fig. 14 — primeiro plano).

3.3. — *Casa fora do reduto central detectada no ano anterior a meia distância entre a muralha central e o campo de futebol (N.º 18)*

A verdadeira posição desta casa face às linhas fortificadas do Castro da Curalha, só poderá ser conhecida com a definição precisa desses alinhamentos muralhados.

Na vertente voltada para a povoação de Curalha, o número de muralhas parece ter sido de três, tudo levando a crer que a casa por nós assinalada com o n.º 18, se encontre próxima da face interna deste terceiro (último?) reduto fortificado.

A sua presença foi assinalada em 1979. A construção do campo de futebol do Grupo Desportivo de Curalha levou a que máquinas escavadoras se aproximassem perigosamente desta casa, tudo levando a crer que parte do que resta desta última muralha tenha mesmo sido destruída.

O receio de que futuros trabalhos na área circundante do campo de futebol e com ele relacionado viessem destruir irremediavelmente esta casa, levou-nos a optar por antecipar os trabalhos da sua escavação, trabalhos que, no entanto, ainda não estão concluídos; há que alargar a área de prospecção à volta da casa propriamente dita a fim de que a sua posição, área e limites fique total e perfeitamente definido. Por falta de tempo limitámo-nos, nesta campanha, à área interna da mesma.

Das suas paredes, apenas duas ficaram perfeitamente identificados quanto à sua verdadeira posição, pois que as suas bases estavam ainda bem conservadas; foram, respectivamente, as paredes voltadas para ENE e para SSE (Figs. 2-C e 4; Est. VI a VIII, Figs. 21 a 25). As outras duas paredes são de difícil

delimitação; as suas pedras devem ter sido arrancadas a fim de dar passagem aos carros que iam, ainda muito recentemente,

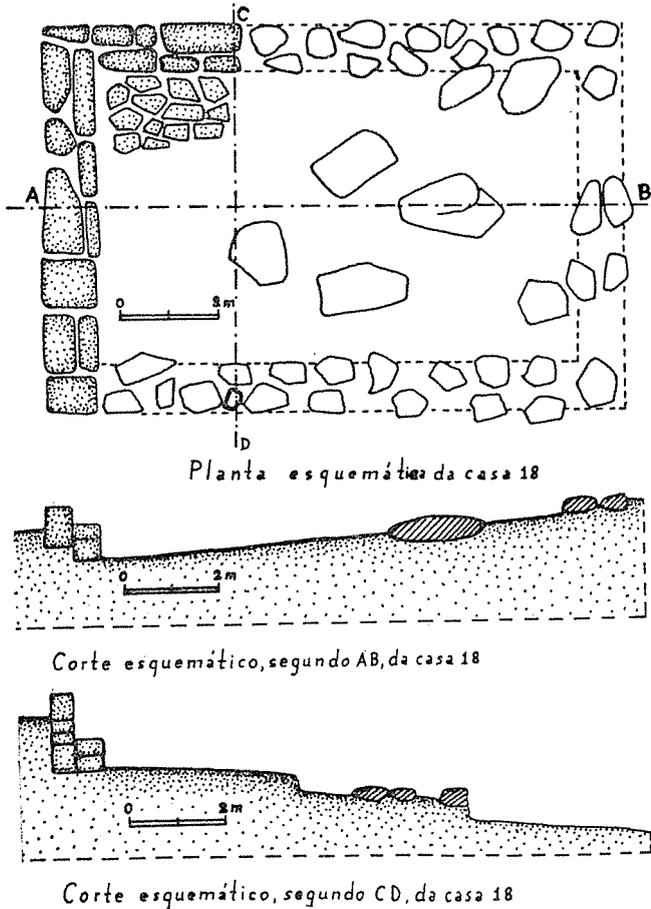


Fig. 4: Planta e cortes da casa 18 fora da 2.^a muralha.

carregar pedras à muralha central do Castro para os mais variados fins (construção e calcetamento).

Devido à grande quantidade de vegetação ainda existente nesta vertente do Castro, admitimos a existência de pequenos

erros relativamente aos números que vamos indicar numa tentativa de assinalar a posição desta casa:

- dista da muralha central, aproximadamente, 32 m (considerados na horizontal);
- verifica-se um desnível (descaindo de S para N de cerca de 10 m relativamente à base da muralha (Fig. 2)).

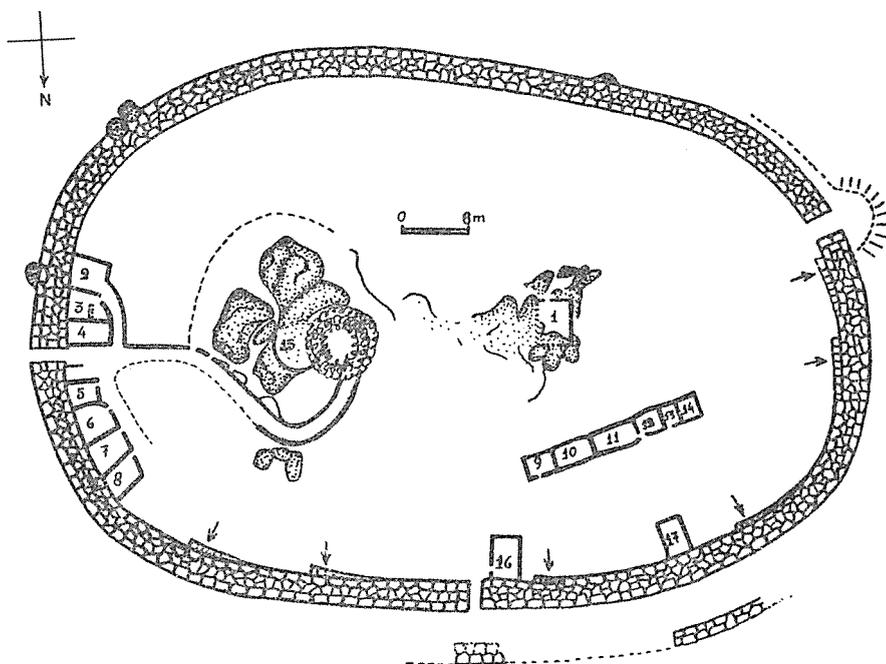


Fig. 5: Planta esquemática do Castelo de Curialha no final da campanha de 1980. Fora da muralha central e a cerca de 32 m da porta N situa-se uma casa rectangular (descrita com o n.º 18). As setas assinalam rampas de acesso à muralha.

É, como todas as casas postas a descoberto até ao momento, de forma rectangular tendo, internamente, 5 m de comprimento por 3,80 m de largura (valores aproximados, dada a dificuldade em detectar a posição precisa de duas das suas paredes, como foi referido).

O terreno onde se encontra esta casa não é verdadeiramente plano; descai de SE para NW e de SW para NE, embora os desníveis não sejam muito significativos (Fig. 4).

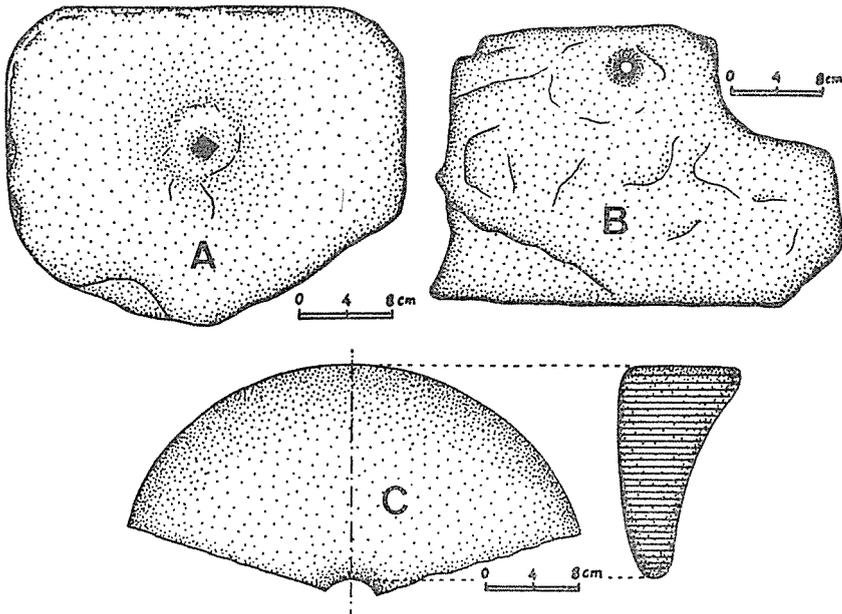


Fig. 6: Pedra furada e pedaços de mós, encontrados: A — mó dormente — na casa 16; B — na casa 18; C — mó andadeira — na casa 16.

As duas paredes ainda em regular estado de conservação na base são formadas, por séries duplas de pedras de granito, com uma largura que varia entre 48 e 58 cm. Algumas das pedras que as formam são de grandes dimensões e estão colocadas ora deitadas, ora ao alto.

Na superfície interna e no ângulo formado pelas duas paredes melhor conservadas encontrámos, escavados cerca de 20 cm de profundidade, um conjunto de pedras de pequenas dimensões, de superfícies planas, justapostas, que julgamos terem constituído uma lareira (Fig. 4). A apoiar esta hipótese

assinalamos a maior abundância de carvão nesta área e a cor da terra a este nível, cinzenta e muito fina, devido possivelmente à existência de cinzas misturadas.

Espólio

— Recolheram-se 1 756 fragmentos de cerâmica muito variada quanto à cor, espessura, tamanho dos vasos de que faziam parte, etc. Estes fragmentos pesam 13,690 kg. Entre eles parece ter interesse referir:

1589 fragmentos de espessura, cor, dimensões e constituição muito variada, dos quais:

- 40 têm cor castanho-avermelhada, uma espessura de 6 mm, com pequena quantidade de moscovite na sua constituição.

- 35 fragmentos de barro muito grosseiro, pertencentes ao mesmo vaso, bastante friável por terem sido, possivelmente, submetidos a uma temperatura de cozimento relativamente baixa, com uma superfície pouco lisa e outra rugosa. A superfície lisa parece justificar-se pela aplicação de uma delgada camada de argila fina. A cor, cinzenta, varia de intensidade com a espessura.

O maior destes fragmentos mede 14×11 cm e tem uma espessura de 3 cm.

Dado o seu aspecto terroso, as finas raízes das plantas penetram-nos com facilidade em todas as direcções.

Na sua constituição entra uma grande quantidade de areias de quartzo, perfeitamente visíveis em superfície de fractura recente, bem como moscovite.

Admitimos que eles pertençam a um tipo de vaso de grandes dimensões, grosseiro, cujos fragmentos ainda não tinham sido encontrados, até este momento, em qualquer outro local do castro. Estes 35 fragmentos pesam 3,800 kg.

132 fragmentos de «bordos» pertencentes também a vasos diferentes entre os quais, um, mede 17,5 cm de comprimento.

35 fragmentos de «fundos» um dos quais, o maior até agora encontrado, mede 21 cm de diâmetro.

— Numerosos pedacinhos de carvão mais ou menos espalhados por toda a área interna da casa, mas mais abundantes no ângulo onde, segundo tudo leva a crer, existia uma lareira.

— Uma pedra furada, de granito muito fino, com um comprimento máximo de 33 cm e uma largura máxima de 23,5 cm. O orifício encontra-se próximo de um dos bordos; a espessura desta pedra varia entre 5 cm e 3 cm e pesa 5,900 kg.

3.4. — *Pia cavada no granito (lagareta?)*

Encontra-se a ESE do Castro de Curalha, na margem direita do rio Tâmega, da qual dista aproximadamente 26,5 m. A sua posição é fácil de detectar, visto que se encontra junto de uma área de exploração de areia para a construção civil, depósito efectuado pelo rio Tâmega numa zona que parece ter constituído, no passado, a margem côncava de um dos seus meandros encaixados e cuja actividade erosiva deve ter cessado ali.

Do que fica exposto é natural admitir-se que a sua posição relativamente à margem direita do rio Tâmega tenha variado.

Além da «pia» propriamente dita, existe todo um conjunto de estruturas cujo significado não sei explicar. Assim:

Pia propriamente dita

Foi cavada numa rocha de granito que ocupa a sua posição natural, fora da zona de deposição de areia e a qual, por sua vez, se encontra junto de um bloco de granito (2) fazendo lembrar quando observado de frente um enorme cogumelo que mede de altura 2,70 m. Vários orifícios naturais existentes neste bloco podem muito bem ter servido de apoio a pranchas de madeira utilizadas para «pisar», caso a referida «pia» tenha sido utilizada como lagar.

Forma e dimensões

Comprimento 2,50 m; largura máxima, a meio, 1,05 m; largura média no topo mais afastado 0,92 m; largura mínima no topo próximo 0,67 m (Figs. 7, 8, Est. XII a XIV, Figs. 33-38).

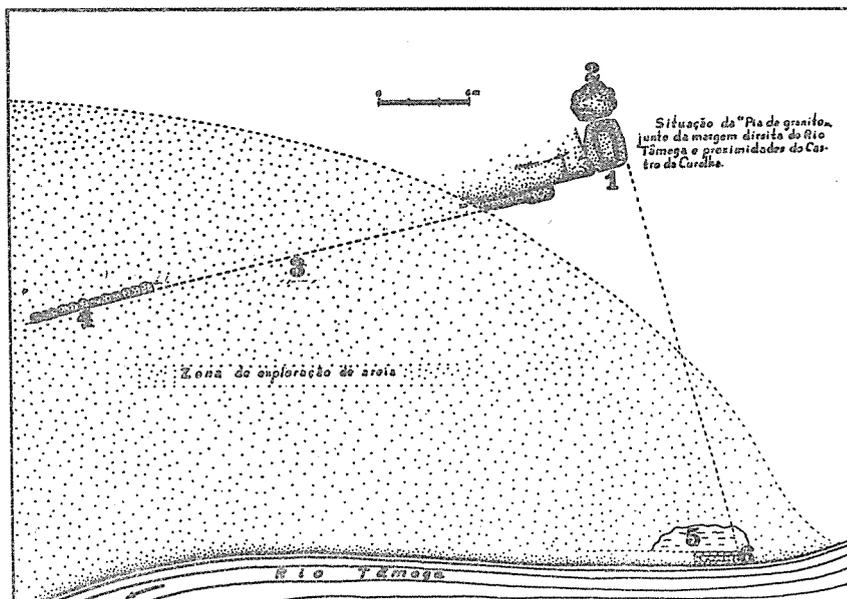


Fig. 7: Localização da pia de granito.

Frontalmente (Fig. 33) apresenta no bordo cuja espessura é de 10 cm, um rebaixo com 8 cm de profundidade e uma largura de, aproximadamente, 12 cm na parte superior e 5 cm na parte inferior.

Um outro rebaixo existe também frontalmente com 26,5 cm de altura e uma profundidade de 17 cm na base. Junto da base encontra-se o buraco de escoamento, mas não encontramos nenhuma pequena cavidade para onde esse escoamento se fizesse.

O fundo da «pia» é levemente côncavo e a sua profundidade é variável, sendo máxima a meio (41 cm). Este fundo não é

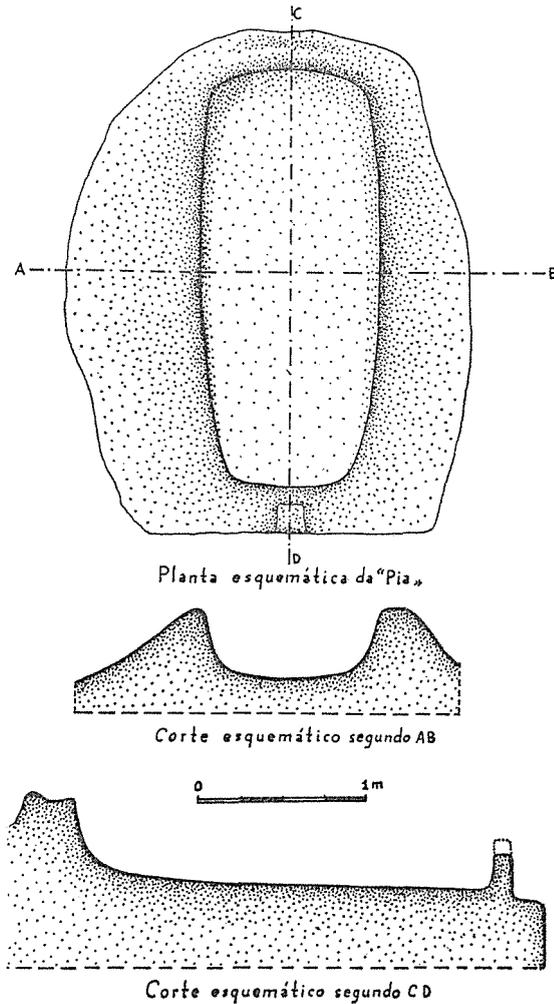


Fig. 8: Pia de granito (lagareta?) à borda do Tâmega.

horizontal; descai para a região anterior (onde se encontra o orifício de escoamento) e o desnível verificado é bastante acen-

tuado — 37 cm. Este desnível, se por um lado facilita o escoamento, por outro diminui a capacidade da «pia», pelo que não admitimos nada que o justifique.

b) *Muro*

Construído em plena área de exploração de areia, este muro (Fig. 7-4) foi, pelas máquinas escavadoras, parcialmente destruído. É constituído por blocos de granito, alguns de apreciáveis dimensões (Est. XIV, Fig. 38). Encontra-se em alinhamento com o rebordo de um conjunto de rochedos naturais, conjunto do qual faz parte aquele em que foi cavada a «pia» (Fig. 7). A posição deste muro em relação com a margem do rio Tâmega não é paralela; como pode ver-se no esquema este apresenta-se oblíquo em relação àquela, aproximando-se da margem à medida que se afasta relativamente à «pia».

A observação deste muro (Fig. 7-6) só foi possível em virtude da abertura, pela máquina, de uma cavidade mais ou menos profunda (Fig. 7-5), possivelmente de prospecção para averiguarem da espessura da areia ainda existente.

c) *Muro*

Como resultado foi posta a descoberto a face interna de um muro cujo comprimento e espessura não nos foi possível determinar, devido à quantidade de vegetação existente nesta margem do rio.

A face visível deste muro é constituído por pedras que, não sendo de grandes dimensões, estão colocadas com todo o cuidado umas relativamente às outras, mostrando um arranjo idêntico ao que se observa nas muralhas dos castros. A existência de uma superfície interna com estas características, parece-me suficiente para ser posta de parte a hipótese de se

tratar de um simples muro de suporte ou de protecção; a finalidade da sua construção deve ter sido outra. Qual?

Em face dos dados recolhidos até este momento sobre as estruturas descritas, alguns problemas se levantam:

- Haverá alguma relação entre estas estruturas e o Castro da Curalha?
- Serão, tais estruturas, da mesma época do ocupação, ou posteriores?
- Serão, as três estruturas indicadas, da mesma idade ou de idades diferentes?
- Qual a utilização da «pia»?
- Com que finalidade foi construído o muro 4? E o muro 6?

Creio que só nos resta continuar os trabalhos no Castro da Curalha, recolher o maior número de dados possíveis e ter esperança que dentre esses dados, alguns nos forneçam as pistas que nos levem, um dia, a formular hipóteses mais lógicas para a resolução de cada um dos problemas apresentados.

Tarefa em Outubro de 1980 por S. J.

Como em 1979 também no ano de 1980 os trabalhos no Castro da Curalha fizeram-se em duas tarefas.

A primeira, em Setembro, por Dr. Adérito Medeiros Freitas, e a segunda, por Prof. Santos Júnior, em Outubro.

Por pouca sorte só pudemos trabalhar dois dias devido ao tempo agreste que se levantou. De pessoal jornalheiro só conseguimos três mulheres e três homens e estes só no segundo dia.

Cada ano que passa é cada vez mais custoso conseguir pessoal jornalheiro e cada vez mais caro.

Estuda-se o modo de se conseguir que estudantes, especialmente dos últimos anos do liceu de Chaves possam colaborar nas campanhas de trabalhos do Castro da Curalha.

Aliás já nas primeiras campanhas estudantes prestaram no castro muito bons serviços.

Na 1.^a Campanha de escavações feita em 1974, por P.^o Adolfo Augusto Magalhães, Francisco Carneiro Júnior e Adérito Medeiros Freitas, colaboraram os seguintes estudantes: Amadeu Chaves Miranda, Manuel Francisco Chaves Miranda, Francisco Taveira Ferreira, Fernando José Magalhães e Carlos José Santana Abelha.

Na 2.^a campanha feita em 1975, por P.^o Adolfo Magalhães, Dr. Adérito Medeiros Freitas e Prof. J. R. dos Santos Júnior, colaboraram os seguintes estudantes: Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro, Fernando José Magalhães, José Manuel Xavier Araújo, José Luís de Sousa Correia, José Machado Ferreira Mangas e Luís Manuel Xavier Guerra.

Na 3.^a campanha feita em 1976 tivemos os seguintes estudantes colaboradores: Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro, Fernando José Magalhães, Rui Jorge Xavier Guerra, Luís Manuel Xavier Guerra e José Luís Sousa Correia.

É justo relembrar estes rapazes que trabalharam com acerto, zêlo e manifesto empenho sob a orientação do Dr. Adérito Medeiros Freitas, Licenciado em Ciências Geológicas e Professor efectivo do Liceu de Guimarães.

Parte de um dia do nosso trabalho no mês de Outubro foi para acompanhar de Chaves à Curalha o topógrafo sr. João Miranda Rua, que percorreu o castro e a quem fomos explicando o que especialmente se pretendia realçar na carta topográfica do castro.

O Instituto Português do Património Cultural tinha-nos sugerido a necessidade de se fazer o levantamento topográfico do Castro da Curalha.

Há muito que se sentiam as vantagens e o grande interesse da carta topográfica do castro, que não foi já feita, dadas as

precárias condições materiais em que se tem trabalhado ⁽¹⁾ e, ao mesmo tempo, para aguardar que os trabalhos de prospecção, fossem descobrindo vestígios de construção.

A sugestão do Instituto Português do Património Cultural veio ao encontro do nosso desejo. E assim se convidou o topógrafo Sr. João Miranda Rua, residente em Chaves, a tomar esse encargo.

Esse convite resultou da comunicação, em «Parecer» da Comissão «AD HOC» do I.P.P.C. que recebi em Setembro de 1980.

Nesse «Parecer» lê-se, que «atendendo à importância do castro», importa que o investigador, a trabalhar no mesmo, «se empenhe sobretudo no levantamento topográfico dos testemunhos já postos a descoberto durante as precedentes escavações».

Foi acedendo, e de acordo, com esta sugestão, que, repetimos, veio ao encontro do nosso intuito, convidei o topógrafo Sr. João Miranda Rua, a fazer a planta topográfica do Castro.

Em 25 de Outubro de 1980 enviei a proposta daquele topógrafo propondo-se fazer o levantamento topográfico do castro e zona arqueológica envolvente.

⁽¹⁾ Um dia em Carvalhelhos, manifestei ao colega e amigo Dr. Ascenso Metelo o desejo de fazer o levantamento topográfico do Castro de Carvalhelhos onde trabalhava há duas dezenas de anos.

O Dr. Ascenso Metelo, que foi distinto Professor e Reitor do Liceu de Portimão, foi, alguns anos, excelente companheiro na estância termal de Carvalhelhos.

Um ano resolveu trazer o seu teodolito e com o seu filho, então estudante de engenharia, colheu os elementos com que elaborou a carta topográfica do Castro de Carvalhelhos que graciosamente me ofereceu.

Depois de feita a gravura que publiquei no meu trabalho *Duas campanhas de escavações no Castro da Curalha (1965-1966)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XX, Porto, 1965-1966, págs. 181-190, 9 Figs., ofereci o original à Empresa das Águas de Carvalhelhos.

À memória do Dr. Ascenso Metelo que foi um bom professor, um bom topógrafo e um bom amigo, presto a homenagem de minha saudade.

Com os trabalhos feitos nos últimos anos, e, sobretudo, com o desentulhamento dos fossos, com funduras de 5 a 7 m, julgo que seria conveniente um novo levantamento topográfico do Castro de Carvalhelhos.

Aguardava-se que o I.P.P.C. subsidiasse o custo da carta topográfica que foi orçamentada em 30 000\$00 ⁽¹⁾.

Prosseguiu-se com o corte e arranque do mato, que, como se referiu nos relatórios das campanhas anteriores, crescia em tufo espessos.

O corte do mato fez-se especialmente no alto, entre o pinheiro manso e a muralha que lhe corre pelo norte.

Algum do mato cortado ainda foi em parte queimado.

Para evitar a grande despesa com o corte do mato arbustivo e herbáceo, com carvalho de muitos e pequenos carvalhos à mistura, põe-se a hipótese de, cautelosamente, proceder a queimadas por faixas pequenas e convenientemente escolhidas para evitar fogo desordenado.

Em campanhas anteriores encontrou-se junto da porta do lado sul um resto de parede a entestar na muralha perto do cunhal interior do lado nascente daquela porta.

Havia que remover as muitas pedras amontoadas contra a face interna da muralha, que, naquele sítio, tem 2 m de altura, e em parte tapavam o resto da parede descoberta nas campanhas anteriores.

Se aquele resto de parede for, como é natural supôr, parede lateral de uma casa encostada à muralha, e que esta lhe forma a parede fundeira, a 4 ou 5 m deve aparecer a outra parede lateral.

Como só se pôde trabalhar dois dias por causa do mau tempo, e dada a falta de pedreiro para ir arrumando na muralha as muitas pedras sem a menor dúvida dela ruídas, não se pôde prosseguir a descoberta das outras paredes da casa, se é que aquele resto de parede a entestar na muralha é porção da parede lateral de uma casa rectangular, como é lícito supor.

Será tarefa a prosseguir em nova campanha de trabalhos.

⁽¹⁾ Em 1981 já foi autorizada a verba para pagar a carta topográfica. Logo o comuniquei ao topógrafo, que se propôs dar o trabalho feito até Dezembro de 1981.

Com o corte do mato e carvalhiço desafogaram-se as casas que, com paredes meias e postas em fiada, seguem encostadas à muralha e à direita da porta leste de entrada no castro.

Com o corte do mato entre o pinheiro manso e a muralha que lhe corre pelo norte desafogaram-se as casas em fiada que seguem à direita da porta de entrada no castro voltada a nascente.

Aquelas casas encostadas à muralha que lhes forma parede fundeira, seguem-se em fiada com paredes laterais meeiras. Só pudemos medir as cinco primeiras (Fig. 9).

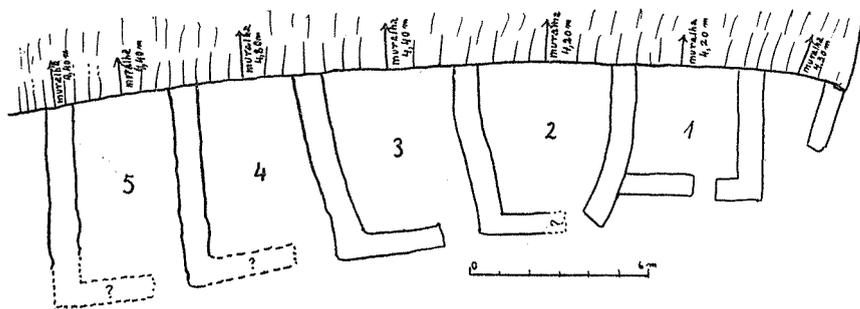


Fig. 9: Casas à direita da porta leste do castro encostadas à muralha que lhe forma parede fundeira. As n.ºs 1 a 4 são as n.ºs 5, 6, 7 e 8 da Fig. 5.

A casa n.º 1 foi escavada em 1979 por intrusos.

No trabalho *O Castro da Curalha — 5.ª campanha de escavações — 1979*, por Adérito Medeiros Freitas e J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. IV Vol. 23, Porto, 1980, págs. 393-405, 20 Figs., nas págs. 403-404 referiu-se o assalto ao castro por quatro pessoas, que, clandestinamente, escavaram e crivaram a terra da casa n.º 1, que entesta à muralha e fica adjacente pelo norte com a porta de entrada no castro pelo lado nascente.

Como então se referiu, um informador, que um dia assistiu ao escavar da terra e sua crivagem ao lado de fora da muralha, contou que os intrusos apanharam e levaram muitos cacos, um vaso inteiro em forma de tijela e duas moedas do tamanho de uma moeda de cinco escudos.

Em 22 de Janeiro de 1980, como nos cumpria, informamos o Instituto Português do Património Cultural do atrevido assalto e rapina daquela casa do Castro da Curalha.

Os assaltantes já foram identificados, são professores primários do concelho. Prontificaram-se a fazer entrega ao Museu Municipal de Chaves dos objectos rapinados. Porém, até Outubro de 1980 não tinham sido entregues.

Casa n.º 1

À esquerda da porta de entrada aflora um rochedo de granito de superfície natural um tanto aplanada e suave pendor para o lado da entrada da casa.

Está queimado pelo fogo numa mancha arredondada de uns 50 cm de diâmetro devido a fogueiras repetidamente feitas naquele sítio.

Aquela pedra seria a lareira daquela casa.

A casa foi escavada pelos intrusos a uns 50 ou 60 cm de fundura, como patenteia a mancha na face interna da muralha que forma a parede fundeira da casa.

Casa n.º 2

A casa n.º 2 mostra junto da muralha uma cova com terra remexida, o que, provavelmente, assinala também ter ali sido iniciada a escavação pelos intrusos que limpam a casa n.º 1.

Casa n.º 3

A casa n.º 3 tem a meio uma cova oblonga não muito funda, que deve corresponder a ter sido escavada.

Como não é patente remeximento de terra, tal escavação deve ter sido feita há um bom par de anos, tanto mais que nela havia vegetação arbustiva forte e densa.

Esta casa tem paredes ainda com alturas de 1,60 a 1,80. Das 3 casas é a que tem as paredes mais altas. As outras duas têm paredes de 80 a 90 cm de altura e em alguns sítios ainda menos.

Casa n.º 4

Tem a parede meeira, com a casa n.º 5, em parte derruída.

O que seria a parede fronteira não é senão um amontoado linear de pedras. Não se pode ver como seria a entrada da casa. Removidas as pedras soltas é provável que se encontre íntegra a base ou alicerce.

A altura das paredes chega a ir a 1,40 m.

Casa n.º 5

Tem o chão astrado de pedras, algumas amontoadas, derruídas das suas paredes, e especialmente da parede fronteira onde se rasgaria a porta de entrada.

Tem forma rectangular e é a mais derruída desta fiada de casas.

Seguem-se-lhe rente à muralha, muitas pedras espalhadas por bastantes metros quadrados que o mato espesso encobre em grande parte.

É bem possível que outras casas se sigam ao correr da muralha que nas 5 casas referidas desempenha o papel da parede fundeira e tem largura de mais de 4 metros.

Estas cinco casas, bem como as casas fronteiras, ao lado esquerdo da porta nascente do castro, merecem ser cuidadosamente escavadas em estudo pormenorizado e arrumo conveniente das muitas pedras caídas junto das suas paredes.

Pudemos fazer um esboço (Fig. 10) do pequeno portelo que foi descoberto pelo Dr. Adérito Medeiros Freitas numa das suas campanhas, e dá passagem aos penedos em cujo cimo há os restos de uma casa circular. O portelo teve de ser refeito em 1980 por haver sido em grande parte destruído, certamente pela garotada.

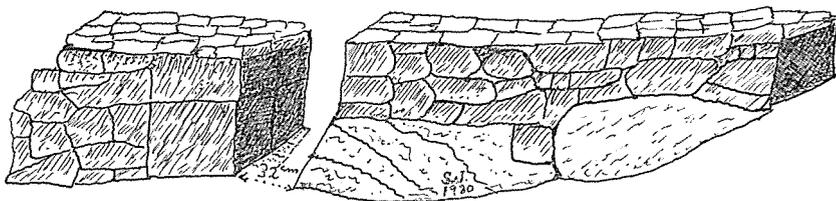


Fig. 10: Estreito portelo de acesso à penedia, o cimo da qual há restos de casa circular. Na campanha de 1981 foi refeito por ter sido em parte derruído.

Com os trabalhos que se fizeram nas 6 campanhas o valor arqueológico do Castro da Curalha vem crescendo, não só pelas descobertas feitas, mas também pelos muitos problemas que vão surgindo, alguns já resolvidos e outros apontados para cuidadoso estudo em trabalhos ulteriores.

Oxalá não nos falem incentivos e ajudas para levar por diante a grata tarefa de estudo e valorização do Castro da Curalha, que vem sendo escavado com todo o entusiasmo e crescente interesse arqueológico.



Fig. 11 — Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha, no início dos trabalhos.



Fig. 12 — Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha, já parcialmente reconstruída.



Fig. 13 — Casa 16 e porta norte da muralha central.



Fig. 14 — Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha (face interna) no final da campanha.



Fig. 15 — Casa 16 e porta norte da muralha central.



Fig. 16 — Casa 16. O alinhamento irregular de pedras dispostas transversalmente, pode ter pertencido a uma casa anterior.

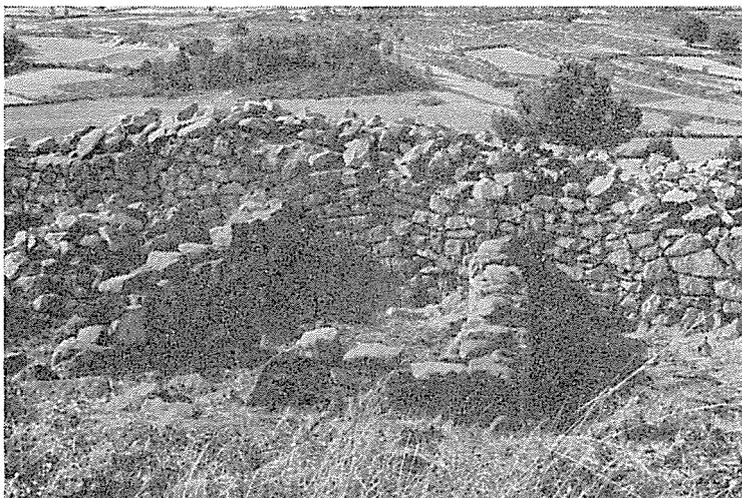


Fig. 17 — Casa 17 entestada à muralha.

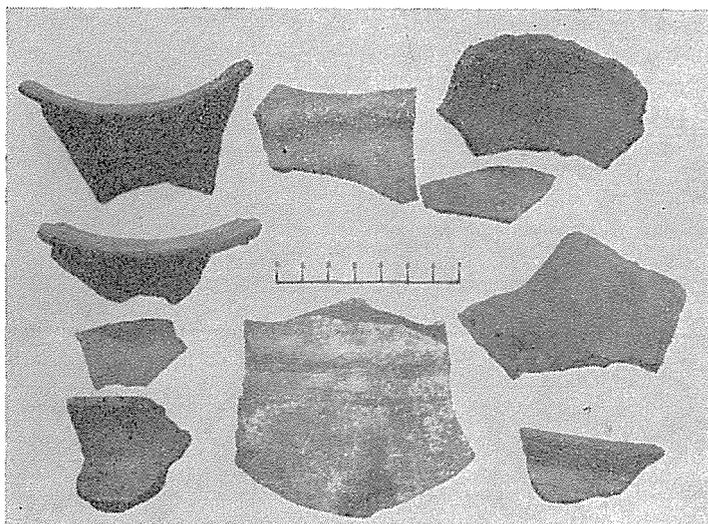


Fig. 18 — Fragmentos de cerâmica encontrados na casa 16.

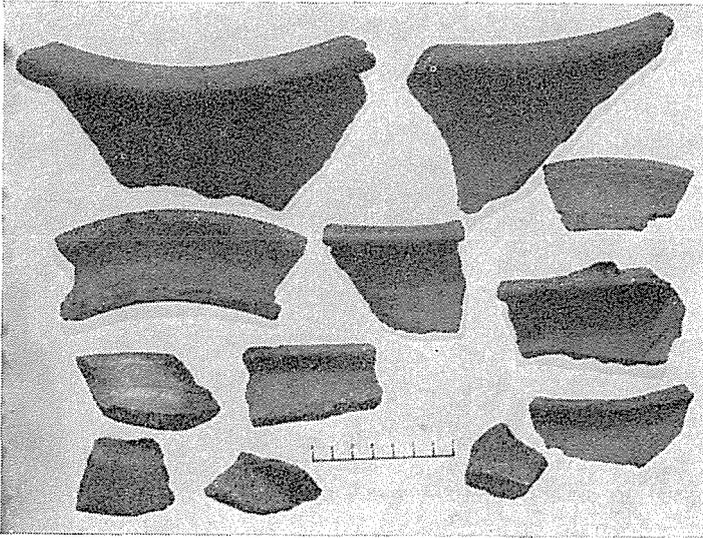


Fig. 19 — Fragmentos de cerâmica cinzento-escura (bordos) encontrados na casa 18.

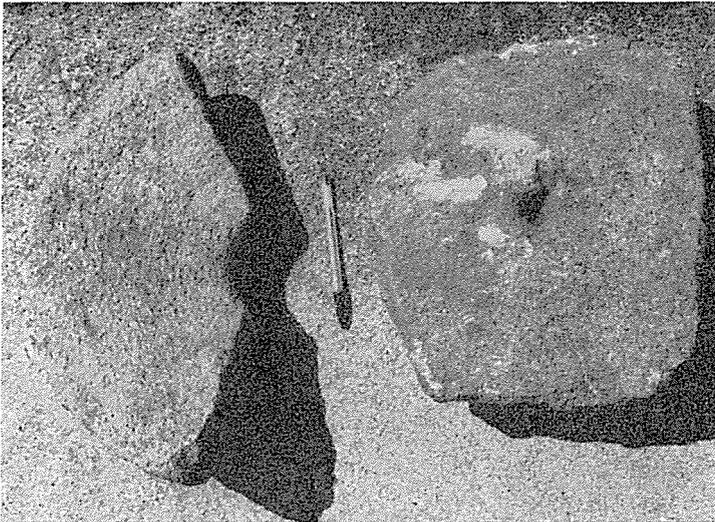


Fig. 20 — Pedras de mó (dormente e andadeira) encontradas na casa 16.

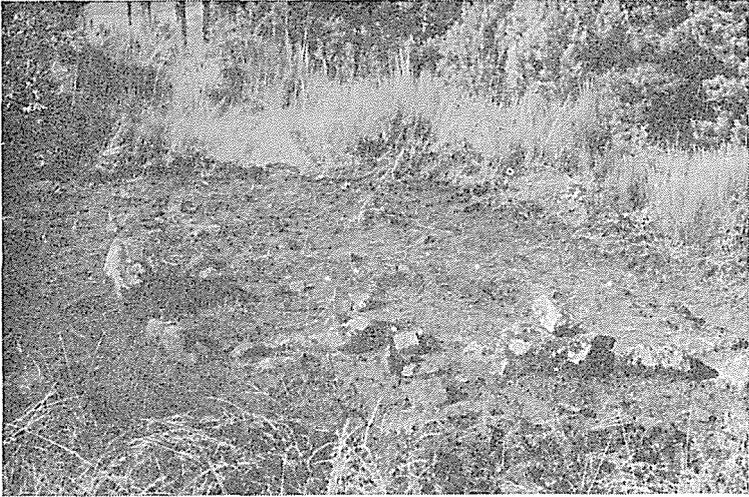


Fig. 21 — Início dos trabalhos na casa 18, após o corte do mato.
As pedras salientes assinalam as paredes da casa.



Fig. 22 — Casa 18 durante os trabalhos.



Fig. 23 — Casa 18. Uma das paredes é bem visível em todo o seu comprimento e largura.

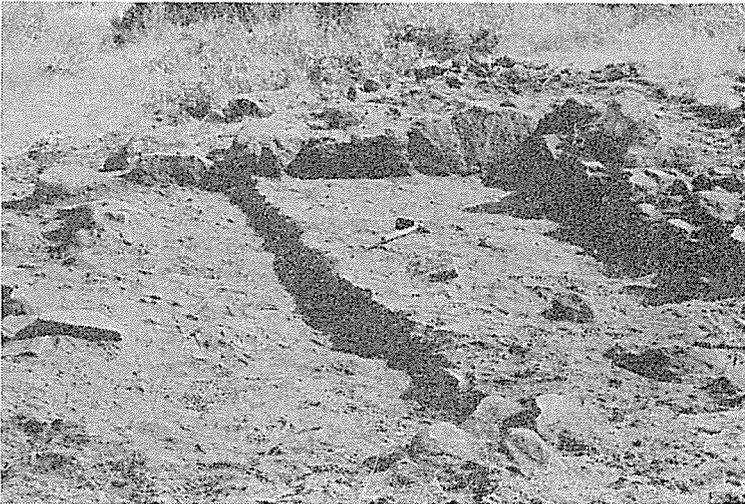


Fig. 24 — Casa 18 durante os trabalhos.



Fig. 25 — Casa 18. Final dos trabalhos da campanha de 1980. Em primeiro plano e à direita, a pedra furada ali encontrada.

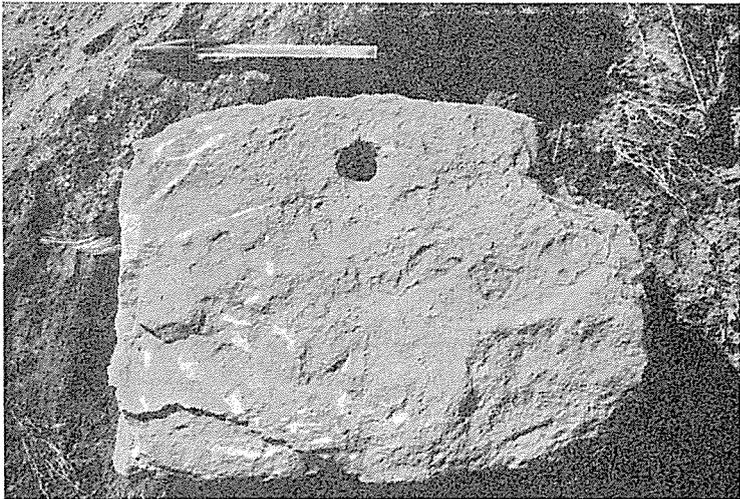


Fig. 26 — Pedra furada, de pequena espessura (granito) encontrada na casa 18.

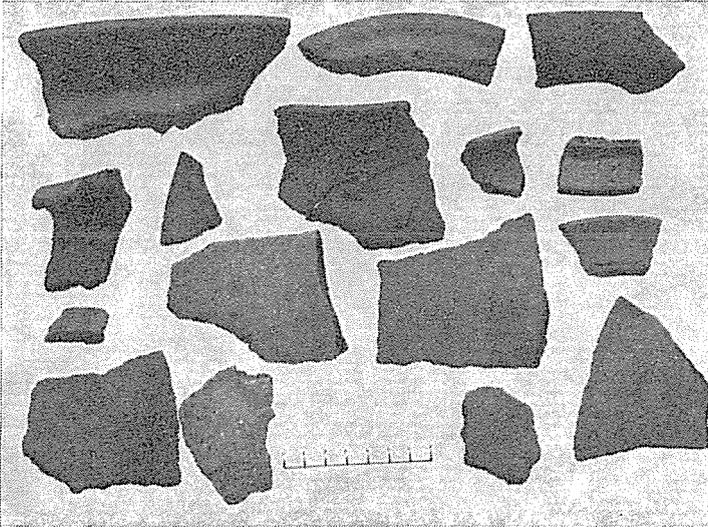


Fig. 27 — Fragmentos de cerâmica (casa 18).

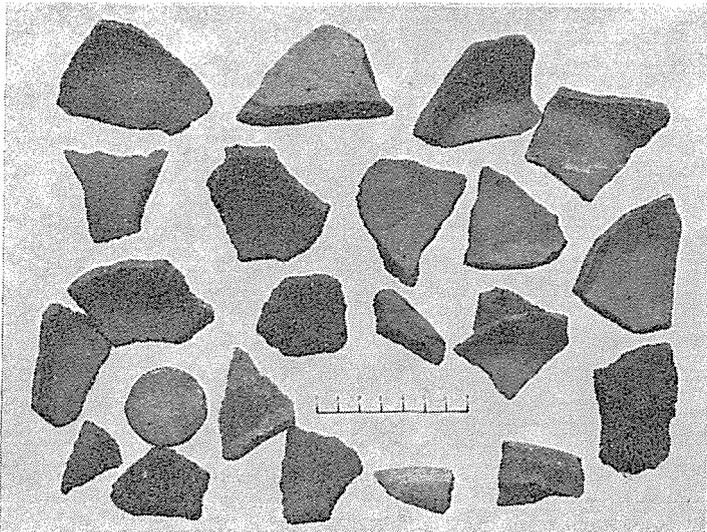


Fig. 28 — Fragmentos de cerâmica (casa 18).

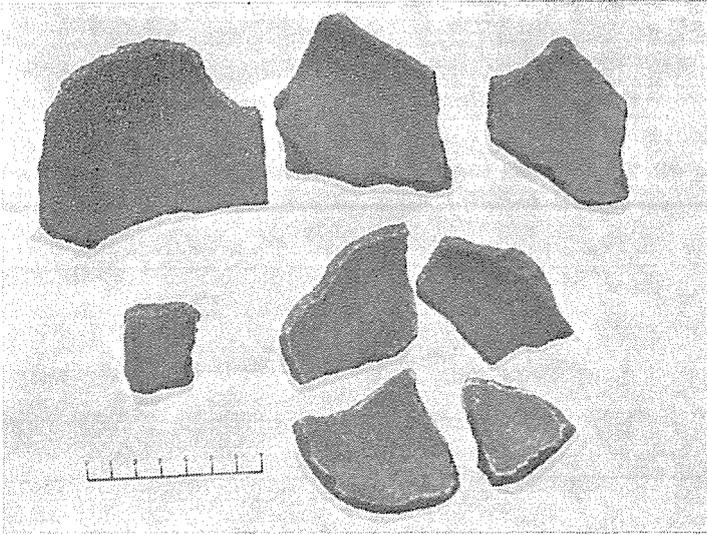


Fig. 29 — Fragmentos de cerâmica (casa 18).

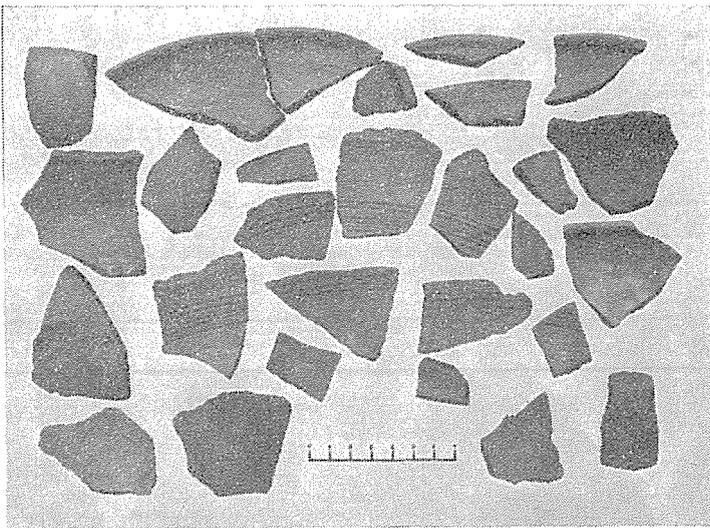


Fig. 30 — Fragmentos de cerâmica fina, avermelhada, com estriação concêntrica (casa 18).

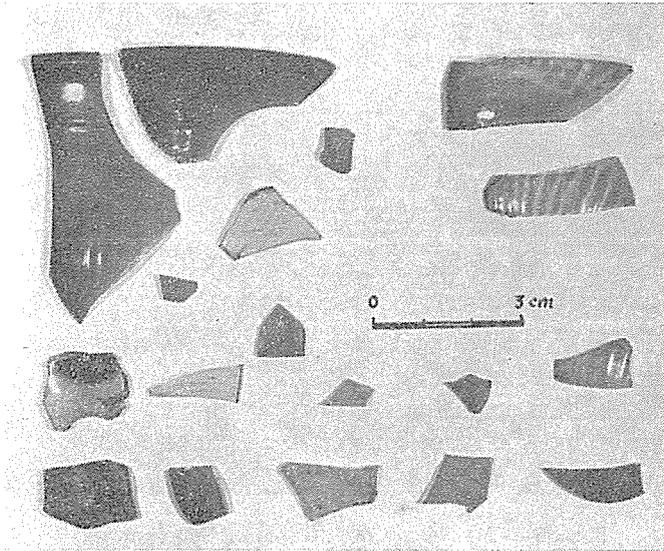


Fig. 31 — 18 fragmentos de vidro (casa 17).

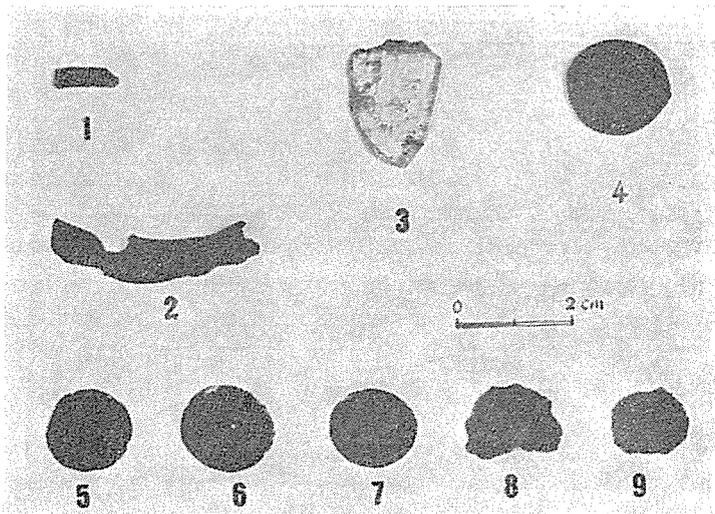


Fig. 32 — Dois fragmentos de cobre? (1 e 2); um pedaço triangular de «quartzo cristal de rocha» (3); um glóbulo de escória (4); e cinco (?) moedas (5, 6, 7, 8 e 9), (casa 16).



Fig. 33 — Pia de granito (trabalhos de limpeza).

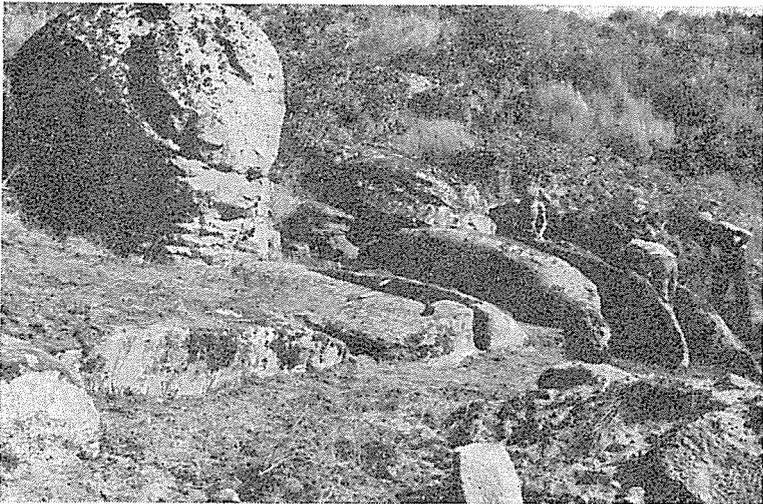


Fig. 34 — Pia de granito (aspecto parcial do conjunto em que se enquadra).



Fig. 35 — Pia de granito.

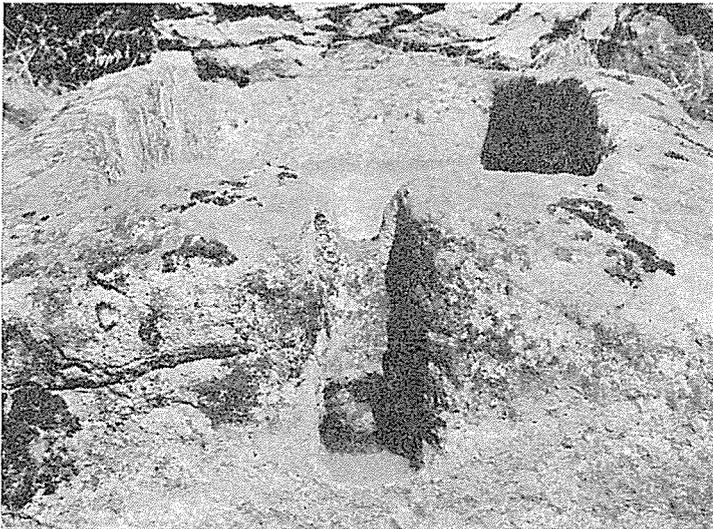


Fig. 36 — Pia de granito (vista de frente).

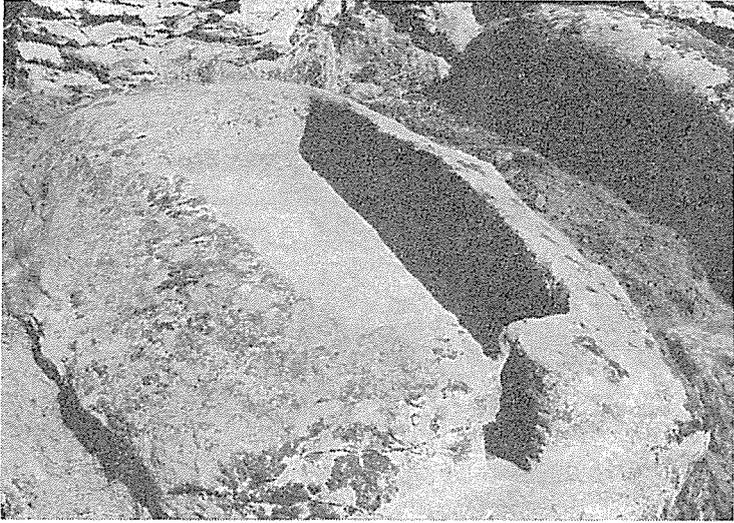


Fig. 37 — Pia de granito (pormenor).



Fig. 38 — Muro 4 (uma das problemáticas estruturas da área em que se enquadra a pia de granito).